

# Efeitos da narrativa na vivência transexual: a história de Susan Grey

## Narrative effects on the transgender experience: the story of Susan Grey

TATIANA PICCARDI\*

**Resumo:** Este trabalho visa promover a reflexão sobre subjetividade, identidade, narrativa e ato de fala por meio do diálogo com uma história incomum: a trajetória de uma transexual que decidiu afirmar sua identidade feminina e transformar sua angústia em narrativa. Propomos que a narrativa de si pode ser entendida como ato de fala específico, que afeta, de modo particular, o sujeito que enuncia e, neste caso, promove construção da identidade e alívio para o sofrimento. A abordagem teórica adotada para análise discursiva é a pragmática originada em Austin (1975), combinada com debates recentes sobre identidade e reflexões sobre as relações entre linguagem, literatura, narrativa e saúde, promovidas pelo GENAM.

**Palavras-chave:** gênero, discurso, identidade, narrativa, ato de fala

**Abstract:** This article aims at promoting a reflection on subjectivity, identity, narrative and speech act by the telling of an unusual account: the journey of a transsexual who decided to turn into a woman and his pain into a narrative. It is proposed that the narrative of oneself is understood as a specific type of speech act that affects, in a particular fashion, the subject himself who enunciates it and, in this particular case, promotes construction of his identity and the relief of his suffering. The theoretical approach adopted for discursive analysis is Pragmatics, as originated in Austin (1975), combined with recent debates on identity and reflections on the relationship between language, literature, storytelling and health, promoted by GENAM .

**Keywords:** gender, discourse, identity, narrative, speech act.

---

\* Mestre e doutora em Letras pela USP e pós-doutora em Linguística pela Unicamp. Atua atualmente na AHPAS – Associação Helena Piccardi de Andrade Silva – como gestora social voluntária no desenvolvimento de serviços e projetos de apoio a crianças e adolescentes em tratamento de câncer.

## 1 . Apresentação: uma história incomum

A narrativa que analiso é antecedida por outra, que dá origem à narrativa objeto deste artigo e dá margem a compreender o inusitado do presente estudo. Por isso, vou contá-la.

Certa tarde recebi o telefonema de A.M., psicólogo e bom amigo, que me convidava a ser a *ghost writer* de um relato que estava sendo idealizado por A.L., sua paciente, transexual que há poucos meses havia realizado a cirurgia para mudança de sexo e se transformado na mulher que sempre quis ser, ou melhor, na mulher que sempre sentiu ser. Aos 51 anos, A.L. queria deixar registrada sua história, por razões que nem ela mesma compreendia bem. Julgando-se sem habilidades para escrever (artista plástica reconhecida, sua habilidade era com os pincéis), e tendo lido meu livro, *Ensaio de Helena*, que conta uma história de dor, perda e transformação, A.L. entendeu que eu seria a pessoa ideal para escrever por ela uma história que, embora totalmente outra, era também uma história de dor, perda e transformação. Dor porque seu corpo doeu por muitos anos tendo que ser o que não era; doeu por muito tempo depois da cirurgia; e ainda dói ao precisar recorrer a medicação e intensos exercícios para não perder sua nova forma. Perda porque o homem que um dia foi deixava uma estranha saudade. E transformação porque sua nova identidade, que era mais do que uma identidade transexual, mas um novo e singular modo de ser e estar no mundo, não parava de se modificar, revolucionar-se a si mesma, num estado de inquietude que provocava mais dor e acentuava a sensação de perda. Era um círculo que se fechava e precisava ser rompido. Por trás do desejo de narrar, o desejo de manter algum equilíbrio, um estado minimamente estável que, intuía, a tessitura do texto poderia ajudar a construir.

De início com medo do desafio, mas aos poucos mais e mais empática à A.L. e seu percurso, aceitei o convite e me envolvi profundamente no trabalho de narrar, com ela, uma história que passou a ser estranhamente compartilhada por mim. Somos coautoras e cúmplices. Marcamos inúmeros encontros, gravei suas falas, conheci sua casa, seus quadros, suas fotos, seus amores. Vi A.L. pintando e como ela o fazia de modo diverso quando convocava Andrei (o homem que um dia tinha sido) e quando se expressava como Susan Grey (a mulher que agora era). Os quadros diferem completamente. Durante nossa convivência, reconheci em A.L. um ser humano excepcional, bom, amoroso, talentoso, recluso

e silencioso, que luta dia após dia para ficar bem consigo. Orgulhei-me de ter sido sua voz e ter dado forma à sua experiência, que passou a ser comunicável, compartilhável. O texto final, no prelo, aprovado por A.L., intitula-se *A Escultora de Si*. Está estruturado em fragmentos fora da ordem cronológica, que pontuam episódios vividos por A.L. e retratam seus pontos de vista, tanto da perspectiva de Andrei, como de Susan, as duas faces de seu ser dividido. O sujeito narrador às vezes é Andrei, às vezes é Susan, às vezes é um narrador em terceira pessoa que tenta conciliar o inconciliável.

## 2. Objetivo

Neste artigo, interessa-nos distinguir na narrativa de Andrei-Susan, que se destaca pelas fortes experiências de vida relacionadas à dor manifesta no corpo, qual sua força enquanto ato transformador que promove equilíbrio (ou cura, na acepção que procuremos explicar a seguir) e construção de uma nova identidade. Propomos a possibilidade de se pensar em ato de fala curativo, que encontraria sua expressão máxima na narrativa de si, ou seja, nas narrativas que relatam a vivência de uma experiência de dor. O ato de fala curativo teria a propriedade de, voltando-se primeiramente ao sujeito que enuncia, transformá-lo no instante mesmo da enunciação, de modo a promover no sujeito algum sentido de equilíbrio e bem-estar advindo da própria possibilidade de enunciar.

Compreende-se que o ato de fala curativo encontra espaço privilegiado de construção na narrativa da experiência de dor. Compreende-se, ainda, que o ato não se realiza enquanto tal sem o envolvimento de um interlocutor empático e sem o contexto adequedo/propício à sua formulação, sem os quais a identidade emergente da narrativa não se constitui.

Parte-se da compreensão de que cada ato de fala pode ser entendido em sua riqueza apenas se inserido no contexto mais amplo de sua produção, o que compreende verificar, no caso dos fragmentos apresentados, a emergência de discursos sobre a sexualidade que atravessam nossa cultura e se materializam nas falas do enunciador.

A abordagem teórica adotada é a pragmática originada em Austin (1975), combinada com debates recentes sobre identidade e reflexões sobre as relações entre linguagem, literatura, narrativa e saúde, promovidas pelo GENAM.<sup>1</sup>

### 3. A hipótese da narrativa como ato de fala de efeito curativo

Ao intuir que a tessitura de um texto poderia dar concretude e sentido à sua história, A.L. me mostra que uma hipótese que tenho desenvolvido dentro dos estudos da linguagem pode estar correta. Trata-se da hipótese de haver, como noção teórica, o que tenho chamado livremente de ato de fala de efeito curativo. Ao contrário da concepção linguístico-pragmática mais usual, que vincula o ato de fala a elementos estruturais do enunciado, minha hipótese implica entender que não se pode definir o ato de fala apenas pela apreensão, de modo direto ou indireto, de elementos linguísticos que atestem sua existência em dado enunciado, o que reduz a performatividade da linguagem a situações pontuais e marcadas. Em meus estudos, considero a narrativa como o lugar privilegiado para apreensão do ato de fala. Assim, antes de discorrer sobre narrativa como ato de fala de efeito curativo, com base na história relatada de A.L., esclareço o que entendo por *narrativa*, e, a seguir, o que entendo por *ato de fala* e por *efeito curativo*.

Para falar de narrativa, inspiro-me, em primeiro lugar, nas reflexões de Walter Benjamin (1994). Para ele, a narrativa nasce da experiência que passa de pessoa a pessoa, e que é a fonte a que recorrem todos os “verdadeiros” narradores. Segundo o autor, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. A natureza da narrativa traz em si uma dimensão utilitária, que pode ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, uma norma de vida. O narrador sabe “dar conselhos”. Hoje, dar conselhos, ato entendido como a transmissão de uma sabedoria tecida na substância viva da existência, deixou de ser uma prática valorizada porque as experiências deixam de ser comunicáveis. E esse processo tem a ver com o desenvolvimento concomitante das forças produtivas. A narrativa é gradualmente expulsa do discurso vivo, o que é reforçado pelo crescimento das

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos em Narrativa e Medicina (FFLCH/USP, São Paulo, Brasil).

publicações impressas e das práticas editoriais que valorizam o livro e o romance em detrimento de outros meios e formas de contar histórias.

A narrativa que consideramos aqui, portanto, aproxima-se da experiência ancestral de contar e trocar histórias de vida e buscar comunicá-las; independe do gênero discursivo ou textual em que é construída; e, mesmo que registrada de forma escrita, não se distancia da experiência viva de seu narrador.

Outra fonte importante de inspiração é a noção de que o narrar é uma necessidade antropológica (Petit, 2009), que emerge sempre que está em risco a identidade física, social, política e/ou espiritual dos sujeitos. A linguagem, sob a forma narrada, constitui-se assim como o lugar privilegiado da construção do humano.

A noção teórica de ato de fala, por sua vez, é aqui compreendida da perspectiva do filósofo da linguagem John L. Austin (1975). Para Austin, a linguagem não é simples representação de uma realidade externa ao sujeito, já que, para o autor, o sujeito é indissociável da linguagem que produz. Ao tomar a palavra, o sujeito faz mais do que traduzir uma realidade qualquer, ele realiza uma ação integrada a um mundo palpável e contingencial, em que sujeitos concretos, de carne e osso, buscam na e pela linguagem marcar posições, defender interesses, consolidar identidades, e, no caso das narrativas em pauta, promover equilíbrio e cura. Toda fala é, portanto, performativa, daí a noção de fala enquanto ato. O performativo é, assim, o próprio ato de realização da fala-ação.

A perspectiva austiniana sobre a fala enquanto ação desconstrói o mito da linguagem descritiva e do sujeito apartado do “objeto” linguagem. Tal perspectiva é mais do que o desenvolvimento de um posicionamento dentro dos estudos linguísticos e filosóficos; é, a bem dizer, uma transgressão radical à noção clássica de linguagem adotada pela filosofia da linguagem. Referindo-se à origem da noção de performatividade em Austin, diz Ottoni, seu profundo conhecedor:

As discussões iniciais sobre a *performatividade* aparecem ligadas à discussão da certeza de se saber algo, certeza sobre a qual Austin desenvolve toda uma argumentação que desemboca na crítica à falácia descritiva; [...] Segundo ele, há circunstâncias nas quais não **descrevemos** a ação, mas a **praticamos**. Com isto Austin descarta a possibilidade de se ver o performativo como um objeto linguístico que possa ser analisado empiricamente como qualquer objeto de natureza física. (Ottoni, 2002, p. 126)

E mais adiante,

Neste breve resumo das distinções no interior do *ato de fala*, podemos perceber que a questão da referência é tratada de modo bastante diferente da noção mais tradicional que produz uma relação biunívoca entre linguagem e mundo. Posso dizer *eu prometo...* e produzir, consciente ou inconsciente, por exemplo, uma ameaça; ou seja, não há mais lugar para fazer uma distinção entre sentido e significado das palavras quando se trata da performatividade. (*Idem*, p. 128)

Cabe aqui uma observação fundamental sobre o sujeito falante em Austin. Sua constituição como sujeito de linguagem só se concretiza porque há interlocutores concretos e situados que garantem a apreensão do enunciado performativo. A esse processo de assegurar a apreensão Austin chama de “*securing uptake*”. É, portanto, o *uptake* que dá aos falantes sua condição de sujeitos de linguagem. É o *uptake* que controla os significados produzidos, e não um sujeito empírico idealizado e intencional. Dessa forma, não há simetria perfeita entre os atos de fala e seus efeitos. Nos contextos de desequilíbrio físico, se pensarmos na narrativa como ato de fala curativo, como é o que propomos neste trabalho, entenderemos que seu fim utilitário, na acepção de Benjamin, ou seus efeitos curativos, passam necessariamente pela interpretação dos sujeitos envolvidos. Depreende-se que o efeito curativo, para ser alcançado, depende de os sujeitos (ou interlocutores) envolvidos ajustarem os interesses para que de fato o efeito ocorra. Por isso é que a narrativa da mãe para o filho doente, por exemplo, pode surtir efeito curativo, pois os interesses e a atenção estão voltados a esse fim. As fórmulas mágicas a que se refere Benjamin (ver adiante) não fariam efeito sem o comprometimento dos interlocutores durante o proferimento. A não ocorrência dos efeitos curativos por falta de engajamento no ato é uma das causas do que Austin chama de ato de fala infeliz.

Importa ressaltar que a noção de contexto está implicada na noção de *uptake*, na medida em que não se pode falar em interlocutores sem compreender não apenas o momento/lugar em que se dá a interlocução, mas, sobretudo, os tempos e os lugares históricos que atravessam o dizer, e que podem vir de longe. E nesse ponto é possível estabelecer um paralelo interessante entre o que Benjamin nos diz a respeito dos interlocutores e do contexto e a noção de *uptake*. No breve texto “Conto e cura”, referindo-se às narrativas curativas, Benjamin diz

que “não é só que repitam a fórmula de Odin, mas também relatam o contexto no qual ele as utilizou pela primeira vez”, evidenciando-se a importância da história que consolidou o uso das fórmulas e que lhes atribui o poder. Da mesma forma, em “é o carinho que delinea um leito para essa corrente”, evidencia-se o papel dos interlocutores e sua importância como sujeitos envolvidos, atentos, empáticos, de modo a que se processe a cura.

A breve análise que se segue nos mostra que o sujeito cujo corpo sofre e anseia por alívio passa a entender que o corpo em desequilíbrio, caótico, é o lugar em que dicotomias tais como doença vs saúde, vida vs morte, homem vs mulher, etc., deixam de fazer sentido. O corpo em desequilíbrio e desencadeador de histórias é o lugar onde novas relações podem começar a existir e onde o tempo se transfigura em um tempo sempre presente da narrativa contada e por contar.

Fundamental explicitar o que se entende por cura, dada a diversidade de sentidos que a palavra traduz. Entendemos a palavra cura em sua tradição milenar, de origem grega e latina, ligada ao cuidado de si, que difere das tradições da prática clínica e terapêutica, que, de modo geral, entendem cura como restabelecimento. Para a tradição médico-filosófica do cuidado de si, a cura não equivale a um retorno a um estado anterior, mas implica o estabelecimento de uma forma e uma experiência totalmente novas. A cura, nesse sentido, envolve principalmente a transformação da pessoa, além de, e se for o caso, a remoção de uma doença. Diz-nos Dunker:

[..] a relação entre a medicina convencional de Hipócrates, Asclépio ou Empédocles não se confunde com a medicina filosófica do cuidado de si. Entre elas, a distribuição não se dá entre aqueles que se encarregam do corpo e aqueles que se dedicam à cura da alma, posto que, para as diferentes escolas, o cuidado de si incluía o cuidado do corpo. Aqui se trata do cuidado com a relação que o sujeito mantém com seu corpo, e não o cuidado direto com o corpo. Isso inclui tanto o corpo como agente de uma ação quanto o corpo que é paciente de uma afecção. Nem sempre é o corpo acometido pela doença, uma das circunstâncias possíveis pode ser o corpo que envelhece, que se cansa, que se ocupa com satisfações e restrições; o corpo como primeiro bem que pode dispor, usar ou emprestar ao outro. Ou seja, o corpo considerado segundo uma economia do gozo, uma *ars* erótica. (DUNKER, 2011, p. 211-212)

Neste artigo, a cura é entendida, na esteira desta tradição, como tipo de relação permanente consigo, e pela qual o sujeito é responsável. O que está em causa aqui são as condições sócio-históricas pelas quais um sujeito toma a palavra e pode enunciar de acordo com uma forma de vida que ele pode e deseja assumir. Essas condições precisam ser construídas pelo sujeito; trata-se da sua verdade que a narrativa de si irá consolidar.

Para Benjamin, a propriedade curativa é intrínseca à narrativa, o que aproxima sua perspectiva da perspectiva pragmática, que entende a linguagem como ação e, portanto, suscetível de gerar efeitos bem concretos nos interlocutores. Em “Conto e cura”, lê-se:

A criança está doente. A mãe a leva para cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava da coisa até que N. me falou do *poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher*. Porém, dessas mãos ele disse o seguinte: – Seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo, não se poderia descrever sua expressão... Era como se contassem uma história. – *A cura através da narrativa, já a conhecemos das fórmulas mágicas de Merseburg. Não é só que repitam a fórmula de Odin, mas também relatam o contexto no qual ele as utilizou pela primeira vez*. Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração. Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento... *É o carinho que delinea um leito para essa corrente*. (BENJAMIN, s/d, p. 269) (meus grifos)

Do excerto se podem fazer algumas considerações importantíssimas:

- A de que a linguagem verbal, no ato de narrar com efeitos curativos, não se desenvolve sozinha, ou seja, sem linguagens não verbais que a ela venham se integrar para promover o efeito curativo; sem o contexto (que recupera elementos da história dos interlocutores); ou sem

interlocutores envolvidos (e, em muitos casos, autorizados pela cultura a dotarem sua fala, ou sua capacidade de escuta, de um poder especial, como no caso de Odin, da mãe que conta a história para o filho, e do médico). Os trechos em itálico atestam esta consideração.

- A de que o movimento narrativo em contexto de doença é contínuo e promove deslocamentos imaginários no tempo a ponto de o sujeito poder retornar a uma espécie de passado sem dor (“[...] não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração”) ou habitar um futuro também sem dor por meio da felicidade de poder esquecer a própria dor (“[...] largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento”).

Ao que nos diz Benjamin, acrescento um aspecto fundamental no que se refere às narrativas proferidas pelo sujeito que enuncia/narra para promover sua própria cura: não se trata necessariamente de narrativas estruturadas de modo convencional, com começo, meio e fim, mas frequentemente de fragmentos que ora se juntam, ora se distanciam, que refletem de um modo ou de outro o corpo caótico que sofre, e cuja coerência precisa ser construída na e durante a interlocução.

#### **4. Narrativa e construção da identidade nas palavras de Andrei-Susan**

A questão da identidade é ao mesmo tempo uma questão da ordem do “querer ser”, uma questão da ordem do desejo; e uma contingência dos dias atuais, em que as identidades se apresentam como instáveis, sujeitas a transformações, e precisam construir-se a si mesmas a todo momento a fim de se preservarem enquanto tais. A globalização e a vivência em ambientes multiculturais e socialmente diversificados evidenciam a transitoriedade identitária e a necessidade – inclusive política – de afirmar uma identidade, mesmo que transitória. Dessa forma, não se pode falar de identidades unificadas e integrais, mas heterogêne-

as e em constante transformação, e que são construídas apenas em relação a um exterior constitutivo.

A história relatada de Susan Grey nos traz elementos novos para o estudo da construção identitária em discurso, já que todo o processo de A.L. assenta-se no corpo que sofre e se transforma e que enfrenta a todo momento a ameaça de não ser aceito e, sobretudo, a ameaça de descaracterizar-se enquanto corpo desejado, já que depende de medicação e exercícios para manter-se um corpo feminino.

O corpo que sofre e sente dor luta para manter-se íntegro, ainda que a noção de integridade física subjacente seja, tal qual a noção de identidade, instável. Observa-se, ainda, que o sujeito (que ora é o narrador, ora é o personagem central) afirma sua identidade reprimindo uma ameaça que não é apenas externa, mas que, ao menos da forma como o texto se constrói, é da ordem do interno, da ordem das entranhas:

Tudo começou com uma falta. Uma falta profunda e incompreensível. Alguns estudiosos da transexualidade falam em “corpo aprisionado”, imputando ao corpo masculino o cargo de carcereiro da essência feminina. Ocorre que Andrei não se sentia num corpo aprisionado, mas num corpo em falta, num corpo atravessado pela ausência de si. Um corpo aprisionado pressupõe um corpo completo, um corpo inteiro, com partes integradas. No entanto, incompletude era o que marcava a existência daquele corpo em mutação que só ganharia inteireza ao nomear-se Susan Grey.

Pode-se dizer ainda, a respeito da construção identitária em elaboração na narrativa de Andrei-Susan, que, ao problematizar o que é da ordem do corpo transexual, a narrativa subverte as noções que têm circulado a respeito do que seja a identidade transexual:

Acompanhou um pouco pelos jornais a comemoração de gays, transexuais, travestis, cross-dressers, drag queens, drag kings e grupos representativos quando se divulgou a oficialização da união homossexual no Brasil. Acha válida a intenção de regularizar e homogeneizar relações e bens, pondo tudo na caixinha do sistema jurídico, tudo garantido, tudo preservado. Mas ela mesma prefere manter-se à margem. Subverter e subverter-se é o seu estilo de vida. Sabe que não há

garantias, não há lugar seguro. Não quer casar. Ainda assim, contraditoriamente, espera um lugar seguro no amor, um lugar que não se define por papéis e leis, um lugar em que vínculos se aprofundam e se eternizam sem risco de dor e rejeição. Susan é romântica.

Se, por um lado, a narrativa de A.L. subverte, por outro, ao constituir-se, sobretudo como narrativa de um sujeito clivado, que reconhece sua divisão interna, a narrativa é capaz de introduzir um gesto político sutil, imiscuído de caráter religioso, o que se evidencia pela introdução da epígrafe bíblica a seguir, escolhida por A.L., que antecede todo o texto: “Quando a energia guardada no grão de mostarda mostrar-se ao mundo, nem mais o grão, nem mais o mundo serão os mesmos”. Antecipa-se, assim, a ação de um sujeito que, ao narrar, se mostra, se transforma e transforma o outro, ação política por natureza. Preveem-se, dessa forma, efeitos perlocucionários que dependerão do *uptake* levado a cabo pelos leitores. A.L. deixa em aberto o que espera desses futuros leitores: solidariedade, aceitação, sensibilidade? Mas parece não deixar dúvidas quanto ao que pretende para si, como narradora e dona de sua fala:

Como se lesse minha mente e enquanto tonalizava um vermelho acrescentando mais amarelo à mistura, disse que sabia que viveria para sempre num mundo paralelo, solitário e inacessível. Ainda assim, se sentia cada vez mais à vontade como Susan Grey, embora não assinasse telas e fosse autora de uma obra só. Única, definitiva e em eterno acabamento. A transexualidade é um processo que não termina nunca.

Em outro trecho, estabelece a relação com um futuro puro, em que constrói, pela palavra e pelo agenciamento do próprio corpo, alguém que essencialmente sempre foi “a cada porção de medicamento, sentia seu corpo purificar-se. Sentia-se limpa: sem pelos e em breve sem pênis”.

Esse futuro que a palavra ajuda a construir é um futuro em que A.L. está fortalecida, como resultado de um processo de aceitação de sua transexualidade singular que culmina na elaboração da sua narrativa. Nesse futuro, a dicotomia Andrei-Susan se dilui:

O pavor e o fascínio que sinto quando me dou conta da transformação por que ainda estou passando não me dão muito tempo para pensar no futuro de Andrei na minha vida. Não quero e não posso projetar com clareza um futuro, embora seja nele que eu queira estar... um futuro que nunca acaba.

A.L. parece também entender que o passado ficou para trás:

Susan menino era frágil e medroso. Seu nome era Andrei. Faz muito tempo que Andrei menino viveu, parece outra vida, mas aconteceu, Andrei criança existiu: um menino todo errado.

Da mesma forma que o passado é passado, o futuro se torna mais e mais atraente, e a incerteza que traz se incorpora a um modo peculiar de vivência transexual.

O relato de sofrimento e transformação de Andrei-Susan retrata um caso atípico nos discursos sobre transexualidade, pois *A Escultora de Si* não é uma narrativa *sobre* a transexualidade, mas a narrativa *de* uma transexual que se assume coautora e imprime à sua fala a autoridade advinda da autoria. *A Escultora de Si* não retrata uma identidade acabada apropriada por vozes de terceiros, mas traz à cena a voz de quem traz em si vozes não audíveis. O contar a própria história significa apropriar-se da linguagem para compartilhar uma experiência, tornar comunicável o que parece incomunicável, e, pela narrativa, agenciar a própria fala de modo a realizar uma ação concreta no mundo ao afirmar a singularidade de uma experiência de vida.

A noção de agência tem sido trabalhada pela antropologia e pela sociologia a partir da década de 70, com o objetivo de restituir teoricamente ao sujeito sua capacidade de ser moral e responsável, o que correntes estruturalistas e marxistas haviam suprimido em décadas anteriores, ao considerarem o sujeito como sujeito passivo da história. Nos estudos do discurso, a noção de agência tem sido associada à noção de performatividade e tem propiciado um olhar mais atento aos efeitos de desestabilização dos discursos dominantes provocados pelos sujeitos em situação de fala. Judith Butler, da perspectiva da psicanálise, prioriza os efeitos da fala e a agência dos sujeitos, retomando a teoria dos atos de fala de Austin. Asad, do ponto de vista de uma antropologia pós-estruturalista, considera que a noção é ainda entendida de modo restrito e busca incluir a vivência

corporal no entendimento do que seja agência e seus efeitos. Para tal, atribui à dor física uma força que motivaria a agência.

## 5. Narrativa, identidade e agência: breves considerações finais

A narrativa de Andrei-Susan mostra que a dor em discurso é processo ativo, que, talvez por força do próprio empenho de enunciar o relato da experiência sofrida, coopera para que o sujeito se torne o agente de sua história de transformação. Embora o autor da narrativa seja ele mesmo responsável pela afirmação e agenciamento da própria dor, é da interlocução que vem a resposta necessária que sustenta a afirmação e concretiza a agência. Entenda-se agência como um certo agir humano necessário à própria sanidade e/ou manutenção do equilíbrio e que não se dá fora da relação com os demais. Asad nos diz: *“The ability to live sanely after a traumatic experience of pain is always dependent on the responses of others”*<sup>2</sup> (2000, p. 43).

A importância de narrativas que trazem relatos de enfrentamento é o seu caráter ativo. Trata-se de ressignificar uma realidade, ou agenciar a construção de uma nova realidade a partir da dor que, em discurso, deixa de ser causa de uma ação para se tornar a ação em si mesma. O sujeito que enuncia parece mover-se impulsionado por um instinto de sobrevivência que tem expressão linguística, e nasce e se alimenta de linguagem, entendida como interlocução entre pessoas ancoradas num tempo e lugar.

O enunciar/narrar com efeitos curativos pressupõe a existência de ao menos um interlocutor que estimule e seja receptivo à fala. Havendo interlocução empática, a narrativa curativa consolida-se como ato de fala curativo feliz, de acor-

<sup>2</sup> A habilidade de viver de modo são depois de uma experiência traumática de dor é sempre dependente das respostas dos outros. ASAD, T. Agency and Pain: An Exploration. *Culture and Religion*, vol. 1, 2000, p. 29-60.

do com terminologia de Austin, na medida em que estrutura uma dada vivência por meio da aceitação e compreensão de um passado, ao mesmo tempo em que, projetada no futuro, antecipa e constrói esse futuro. O efeito restaurador parece ser constitutivo desse tipo de narrativa, sendo capaz de deslocar o sujeito das margens para o centro de sua própria história.

## Referências

- ASAD, T. Agency and Pain: An Exploration. *Culture and Religion*. Vol. 1, p. 29-60, 2000.
- AUSTIN, J.L. *How to do Things with Words*. Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 1975.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- BUTLER, J. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. Verso: London/New York, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. Routledge: New York, 1997.
- DUNKER, C.I.L. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Anna Blume, 2011.
- OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. D.E.L.T.A., 18:1, p. 117-143, 2002.
- PETIT, M. *A arte de ler. Ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PICCARDI, T., Research on Curative Speech Acts Observed through a Long-Term Initiative Involving Young Cancer Patients and Grieving Parents in São Paulo, Brazil. In Bev Hogue; Anna Sugiyama (editors). *Making Sense of Suffering: Theory, Practice, Representation*. 1 ed. Oxford, Inter-Disciplinary Press, v. 1, p. 103-110, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio de Helena*. São Paulo: Alles Trade, 2010.
- \_\_\_\_\_. Research on Curative Speech Acts Observed through a Long-Term Initiative Involving Young Cancer Patients and Grieving Parents in São Paulo, Brazil, 2010,

Prague. *1<sup>st</sup> Global Conference—Making Sense of Suffering*, 2010. (<http://www.interdisciplinary.net/wp-content/uploads/2010/10/tpiccardipaper.pdf>)

\_\_\_\_\_. Relatos de pais enlutados: a dor posta em discurso. *Revista Alpha* (Patos de Minas), ano 9, n. 9, 129-137, 2008.

RAJAGOPALAN, K. Ordinary language philosophy. In *Key ideas in Linguistics and the Philosophy of Language*. Org. Siobhan Chapman e Christopher Rouldge. Edinburgh University Press, 149-155, 2009.

\_\_\_\_\_. Pós-modernidade e a política da identidade. In K. Rajagopalan e D.M.M. Ferreira (orgs.), *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

\_\_\_\_\_. Social aspects of pragmatics. In *Encyclopedia of Language and Linguistics. Vol. on Pragmatics*. Org. Jacob Mey. Reino Unido: Elsevier, 2006.

\_\_\_\_\_. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. The philosophy of applied linguistics. In Davies, A. e Elder, C. (orgs.). *Handbook of applied linguistics*. EUA: Blackwell, 2003.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. Translated by G.E.M. Anscombe. New York: The MacMillan Co., 1953.

Submetido em: 30-11-2015

Aprovado para publicação: 08-05-2016